

A canção da
Carolina
para o mano
Duarte





Para a Carolina, a melhor irmã mais velha do mundo.
Mãe e Pai





Na sala, a Carolina ergue o desenho do mano.

“Olhe, fui eu que fiz!”, diz à vizinha.

A vizinha não ouve. Já está a espreitar o berço, e
a Carolina repara na pintinha na mão esquerda
do Duarte, do tamanho de uma semente de
maçã.

“Que lindo bebé!”, dizem todos à volta do berço.
O desenho fica no ar, esquecido, a abanar.





A Carolina espreita para dentro do berço. Cheira
a leite e a pó de talco. “Olá, mano”, sussurra.
“Porque só dormes?”

O Duarte boceja, mama e chora. Nem sequer
olha para ela.

A Carolina abraça o coelho de peluche. Ela quer
um mano que brinque com ela. E quer que
alguém a veja também.





No quarto dos brinquedos, os blocos fazem clique, clique, clique. A Carolina constrói uma torre muito alta. “Mãe, vê a minha torre!”

“Já vou, filha”, responde a mãe. Mas está a dar de mamar ao Duarte.

A Carolina empurra a torre, que cai com estrondo. Franze a boca, cruza os braços e começa a cantarolar uma melodia só dela.





Na cozinha, o pai aquece um biberão e o cheiro a
leite morno sobe pelo ar. “Queres ajudar,
Carolina?”

Ella diz que sim com a cabeça. Pega no babete
com as duas mãos e leva-o ao Duarte, devagar,
como quem carrega um ovo.

“Ótima ajudante!”, diz o pai, a sorrir. A Carolina
endireita as costas, toda séria.





Quando a noite chega, o Duarte chora muito. A mãe esfrega os olhos, cansada, a andar de um lado para o outro.

A Carolina tapa os ouvidos com as mãos. Depois espreita por entre os dedos e vê a cara do mano, vermelha e toda molhada.

“Será que ele tem medo?”, pensa ela.





A Carolina aproxima-se do berço em pontas de
pés. A madeira está fresca debaixo das suas
mãos.

Em voz baixa, canta a canção que inventou só
para o mano: “Mano Duarte, eu estou aqui, o meu
amor é para ti.”

O choro pára. O Duarte abre a mão e agarra o
dedo da Carolina.





A Carolina sorri, de boca aberta. “Ele ouviu-me!”

A mãe abraça-a com força. “Tu acalmaste o teu
mano.”

A Carolina sente o peito quente, como uma
chávena de leite. Então tem uma ideia: vai
mostrar ao Duarte o mundo dela.





Na manhã seguinte, no quarto dos brinquedos, a
Carolina senta o Duarte numa manta macia.
“Este é o Coelho. Dorme comigo todas as noites.”

Depois abre a caixa de música, que faz ding,
ding, ding.

O Duarte abre e fecha a mão. A Carolina canta a
canção dele, e ele fica a ouvir.





No jardim, a erva ainda está molhada do orvalho.
A Carolina aponta para a árvore. “Olha, mano, os
pássaros!”

“Piu, piu, piu!”, imita ela. O Duarte mexe os pés, a
rir com o corpo todo.

Um pardal pousa mesmo ao lado. “Está a
cumprimentar-te”, sussurra a Carolina.





Agora a Carolina empurra o carrinho, ao lado do pai, até à beira-mar. As rodas fazem crrr, crrr no caminho de areia.

O vento sopra forte. O Duarte franze o nariz com o cheiro do sal.

A Carolina cobre-o com a manta e canta a canção dele ao ouvido.





Na praia, uma gaivota grita muito alto. O Duarte
assusta-se e começa a chorar.

O pai remexe na mala à procura da chupeta. Mas
a Carolina diz: “Eu sei o que fazer.”

Respira fundo e canta sozinha: “Mano Duarte, eu
estou aqui, o meu amor é para ti.”





O Duarte acalma-se e agarra-lhe o dedo, outra vez. A Carolina sente o aperto morno e sorri.

“Olha as ondas, mano! Vêm e vão, vêm e vão.” A espuma brilha ao sol.

Na areia, ela encontra uma concha do tamanho de uma moeda. Guarda-a no bolso, para o mano.





Em casa, é hora do banho. A banheira enche-se
de bolhas e o ar fica a cheirar a sabonete de
lavanda.

A Carolina faz uma barba de espuma no queixo.
O Duarte abre muito os olhos, admirado.

A mãe segura o bebé. A Carolina deita água
morna nos pés dele, com a concha das mãos.





De repente, o Duarte mostra as gengivas. Sorri,
pela primeira vez, e a Carolina vê.

“Mãe, ele sorriu para mim!”, diz ela, num sussurro
cheio de pressa.

Depois olha para a mão do mano. A pintinha
continua lá, no mesmo sítio, e a Carolina sorri
também.





Na sala, a vizinha volta a visitar a família. Todos rodeiam o bebê, mas a Carolina já não se sente esquecida.

“Eu sou a irmã mais velha”, explica ela. “É o meu superpoder. É amor.”

O Duarte chora um pouco. A Carolina canta, e ele acalma-se logo.





À noite, no quarto, a Carolina põe a concha ao lado do berço do Duarte. O desenho do mano está colado na parede, por cima.

A mãe e o pai abraçam os dois e ouvem a canção, sem fazer barulho.

“Mano Duarte, eu estou aqui, o meu amor é para ti.” O Duarte agarra o dedo da Carolina e adormecem, juntos.



The end



*As palavras têm o poder de te levar a lugares
mágicos*



A Carolina tem 4 anos e quer um mano que brinque com ela, mas o Duarte só dorme, mama e chora, e toda a gente olha só para ele. Uma noite, a Carolina canta-lhe a canção que inventou e o Duarte acalma-se e agarra-lhe o dedo. Depois disso, ela mostra-lhe o seu mundo: os brinquedos, os pássaros, o mar e o banho de bolhas. Assim descobre que ser irmã mais velha é um superpoder cheio de amor.

